

# **A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO DA RESISTÊNCIA DOS MACABEUS**

*Ronaldo Robson Luiz*

## **Considerações Iniciais**

Pensar sobre o tema da violência a partir de uma perspectiva bíblica ou da análise de um texto bíblico sempre nos trará grandes desafios. Estes desafios podem ser evidenciados principalmente quando usamos como princípio hermenêutico diante da Bíblia a nossa cosmovisão cristã ocidental marcada pelo dualismo que por sua vez nos coloca obstáculos para pensar na violência dentro do cenário bíblico, a partir do texto inspirado.

Precisamos lembrar, porém, que o texto sagrado é fruto da revelação de Deus na história e, como tal, encontramos registros de todas as situações e sentimentos vividos na dinâmica histórica da humanidade, *portanto estudar a Bíblia é necessariamente estudar história e uma história deveras específica*<sup>1</sup>.

Dentro dessa análise podemos identificar que a violência e suas consequências sempre estiveram presentes nas práticas sociais desde os tempos mais remotos até os nossos dias. Sendo assim encontramos no texto bíblico o registro de todas as expressões humanas, inclusive a violência. Apesar de podermos analisar o tema da violência através de toda Escritura Sagrada, haja vista que o texto apresenta subsídios para esse empreendimento, estaremos por uma questão metodológica nos concentrando nos relatos históricos encontrados nos livros dos Macabeus<sup>2</sup>, mesmo que não estejamos limitados a eles, pois lançaremos mão de outros textos bíblicos.

Dessa forma nosso objetivo é identificarmos dentro de um determinado cenário sóciopolítico e econômico, vivido na época dos “Macabeus”, elementos de ordem religiosa que denotam e/ou legitimam a prática da violência para com e entre o povo judeu em relação aos seus opressores helenizantes.

## **1. Contextualização histórica do período**

Entendendo que o texto bíblico é fruto também das observações do seu autor em relação ao período em que viveu e que, por sua vez, produz uma grande influência em sua mensagem. Por isso iremos fazer uma breve retrospectiva histórica dos fatos que serviram de pano de fundo para o período que influenciou nos relatos que servirão de

1. GABEL, John B.; WHELLER, Charles B. *A Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 49.

2. Dentro dessa pesquisa não abordaremos a questão da classificação dos livros de 1 e 2 Macabeus como sendo apócrifos ou deuterocanônicos, mas levaremos em conta a importância desses livros enquanto registro histórico para estudarmos o tema em questão.

base para o que iremos expor nesse trabalho, baseado nos livros dos Macabeus. Ao analisarmos os clássicos profetas Amós, Oseias, Miqueias e Isaías, encontraremos o anúncio da condenação dos governantes de Israel devido à opressão ao povo (Am 5,10-11; Os 8,1.4.8), como também aos soberanos por práticas injustas de tratamento opressivo ao povo simples (Mq 3,9-12; Is 3,13-15). Essas ações proféticas se confirmaram com a queda do reino setentrional de Israel nas mãos dos assírios em 722 aC e do reino meridional de Judá que foi conquistado pelos babilônicos em 587 aC. Nesse último evento o Templo de Jerusalém fora destruído, a família real e a maior parte da classe alta foram levadas para o exílio.

Logo após esses acontecimentos, os babilônicos foram conquistados pelos persas, sob Ciro, em 539 aC, que, sob o comando de Dario I, a Pérsia estabeleceria um controle sobre o Oriente Médio que duraria quase dois séculos. O governo persa mantinha uma política diferente dos babilônicos, pois permitia que os exilados voltassem para os seus países de origem, continuando com os seus costumes locais e com a sua religião. Para os judeus isso possibilitaria a reconstrução dos muros de Jerusalém e do Templo destruídos pelos babilônicos. Sobre a organização política desse tempo, Horsley e Hanson<sup>3</sup> nos dizem o seguinte:

“Politicamente, os judeus viviam sob um governador oficialmente nomeado, de início um herdeiro da dinastia davídica. Desde a época de Neemias, o governador era simplesmente um judeu não davídico ou outro funcionário imperial. As esperanças messiânicas de restauração do reino davídico passaram para o segundo plano” (HORSLEY; HANSON, 2007, p. 27).

A extinção da liderança genealógica davídica criou uma estrutura organizacional onde a autoridade religiosa civil estava centralizada no Templo, com isso o poder político e econômico passou mais firmemente às mãos das famílias sacerdotais que por sua vez mantinham todo o controle financeiro dos recursos que vinham para o Templo. Na prática essa estrutura instaurada pelos persas na Judeia trazia sobre o povo um forte esquema de cobrança de “impostos religiosos” que serviam para sustentar o Templo e todos os rituais cúlticos: *“Teme ao Senhor e honra o sacerdote. Dá-lhe a sua parte, como é prescrito: primícias, sacrifício de reparação, a oferenda das espáduas, o sacrifício de santificação e as primícias das coisas santas”* (Eclo 7,31).

Com a queda do Império Persa e a ascensão do Império Macedônico sob Alexandre Magno e seus sucessores, a exploração econômica aumentou muito mais e juntamente com ela veio uma política de imperialismo cultural que ameaçou o modo de vida tradicional dos judeus. A partir de toda estrutura montada pelos persas, os líderes helênicos, sobretudo os generais lágidas e selêucidas, se aproveitaram para aumentar a dominação helênica e subjugar cada vez mais o povo judeu que já vinha sendo oprimido.

3. HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. *Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2007.

do há mais de duzentos anos. Segundo Vasconcellos e Silva<sup>4</sup> a forma de governo dos helênicos tinha as seguintes características:

a) *O aluguel da cobrança de tributos e impostos*

Os lágidas e selêucidas estabelecem um controle econômico em que o rei e o funcionalismo local determinam o aluguel da cobrança dos impostos, o valor e o modo de cobrança. Dessa forma, a alta sociedade vai de forma gradativa se apropriando de mecanismos que favorecem sua participação e exploração econômica do povo camponês. Nessa prática podemos perceber uma expressão da violência dos macedônicos em relação aos judeus no que diz respeito à questão econômica, pois gerava uma situação de extrema pobreza e endividamento dos menos favorecidos.

b) *Emancipação para a aristocracia leiga*

No livro de Esd 7,24 podemos verificar que Artaxerxes oferece subsídios e isenção de impostos para todos que estão a serviço do Templo. Com o governo de Antíoco III e depois com a dinastia dos selêucidas, a aristocracia urbana vê seu poder econômico aumentar quando não mais precisava pagar imposto e acima de tudo administrava todos os recursos financeiros alcançados através do Templo. “... *uma crescente influência da mentalidade helenista, um progressivo envolvimento do Templo nos interesses políticos e econômicos da classe rica e poderosa e, por fim, o fortalecimento da aristocracia leiga*”<sup>5</sup>.

## 2. Os livros dos Macabeus

Os livros dos Macabeus estão situados num período de transição entre o domínio grego e o romano (II século aC), marcados por grande efervescência cultural e transformações sociais que ocorreram no mundo judaico, especialmente o vindo da diáspora<sup>6</sup>, que buscavam respostas diante das situações adversas enfrentadas com as nações gentias. Sobre esse período duas grandes obras em forma de compêndio narram os eventos históricos vividos pelos judeus na terra de Israel, entre 170 aC e 73 dC. Esses compêndios são 1-2Macabeus (entre 170 e 135 aC) e a obra literária de Flávio Josefo (37 a 100 dC). Sobre as obras de Josefo, Scardelai<sup>7</sup> afirma:

4. SILVA, Rafael Rodrigues; VASCONCELLOS, Pedro Lima. *Como ler os livros dos Macabeus*. São Paulo: Paulus, 2004.

5. Idem, p. 13.

6. Diáspora judaica (no hebraico *tefutzah*, “dispersado”, ou *galut*, “exílio”) refere-se à dispersão dos judeus pelo mundo, e à formação das comunidades judaicas fora da Palestina. De acordo com a Bíblia, a diáspora é fruto da idolatria e rebeldia do povo de Israel e Judá para com Deus, o que fez com que este os tirasse da terra que lhes prometera e os dispersasse pelo mundo até que o povo de Israel retornasse para a obediência a Deus, onde seriam restaurados como uma nação soberana e senhora do mundo. Geralmente se atribui o início da primeira diáspora judaica ao ano de 586 aC, quando Nabucodonosor invadiu o Reino de Judá, destruindo Jerusalém e o Templo, e deportando os judeus para a Babilônia.

7. SCARDELAI, Donizete. *Da religião bíblica ao judaísmo rabínico*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 84.

“As duas principais obras de Josefo são *A guerra judaica* e *Antiguidades judaicas*. Na primeira, provavelmente composta em aramaico, por volta do ano 80 dC, e depois traduzida para o grego, Josefo buscou convencer seus leitores de que os romanos não foram os maiores culpados pela destruição de Jerusalém em 70 dC. Sua segunda grande obra, *Antiguidades*, escrita cerca de 90 dC, é uma história do povo judeu parafraseada da Bíblia, visando apresentar a antiguidade histórica do seu povo”.

Os livros de 1 e 2 Macabeus narram os acontecimentos que deram origem às crises no final do período da dominação grega, especialmente entre os anos de 170 a 135 aC. O primeiro Livro dos Macabeus fala do confronto do helenismo conquistador e a reação dos judeus, inspirados pela consciência nacional e devoção à Lei e ao Templo. Tudo começa com a profanação do Templo por Antíoco Epífanes (1Mc 1,20-28), que gera uma grande revolta nacional e produz a reação de Matatias, que usa o recurso da “guerra santa” (1Mc 2,61-63). O livro está dividido em três partes, que por sua vez contam as ações dos filhos de Matatias, os grandes líderes da resistência: Judas Macabeu (166-160 aC; 3,1-9,22), Jônatas Macabeu (160-142 aC; 9,23-12,53) e Simão (142-134 aC; 13,1-16,24). O relato abrange quarenta anos, desde a ascensão de Antíoco Epífanes até a morte de Simão e início do governo de João Hircano em 134 aC. Foi escrito em hebraico, mas só se conservou uma cópia de tradução grega.

O segundo Livro dos Macabeus não é a continuação do primeiro. O gênero literário é muito diferente, é escrito originalmente em grego e apresenta-se como obra de Jasão de Cirene (2Mc 2,19-32). Basicamente o livro narra os feitos de Judas Macabeu com o objetivo de despertar o sentimento de comunhão entre os judeus da Palestina através de relatos da intervenção divina no processo de resistência e libertação do povo sob o comando do seu líder e da ação miraculosa do Deus de Israel<sup>8</sup>.

### **3. A imposição do helenismo: uma expressão de violência econômica e cultural**

Logo após os selêucidas terem assumido o governo da Palestina, eles precisaram de forma rápida levantar recursos para compensar os gastos excessivos tidos nas campanhas militares, que propiciaram a conquista de muitas terras. Também precisavam consolidar o seu poder em meio a povos cada vez mais inquietos. A partir de então, voltaram-se para as cidades, já com o processo de helenização avançado, para, com o apoio delas, poderem levar o helenismo a cada vez mais lugares, em um espaço de tempo menor. Mas em que consistia o helenismo? Sobre essa questão faremos uma breve explanação lançando mão do que nos informa Mazzarolo<sup>9</sup>:

“O helenismo é muito mais uma realidade perceptível que conceituável. Aparece com alguns grandes personagens que modificam a história do pensamento, na

8. Utilizamos os comentários introdutórios da Bíblia de Jerusalém para fazermos essa breve apresentação dos livros dos Macabeus.

9. MAZZAROLO, Isidoro. *O apóstolo Paulo, o grego, o judeu e o cristão*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2008, p. 46.

Macedônia, nos séculos VI e V aC. Esse fenômeno vai revolucionar não só a forma de pensar, mas toda a visão de ser humano, sociedade, política e economia”.

Ainda sobre a questão, Corssen<sup>10</sup> afirma que o helenismo marca a história com conceitos como cosmopolitismo que era entendido como o acesso à cidadania apenas às pessoas cultas; o individualismo que era a fonte da ética helenista; o realismo que era um princípio criado por Sócrates que afirmava que somente o real era o importante, o definitivo; e a teocracia como justificativa da interferência direta das divindades sobre os humanos e sobre os cosmos<sup>11</sup>.

Após essa breve elucidação de termos, podemos verificar através do texto bíblico as primeiras ações da imposição da cultura grega sobre os judeus: *“Por esses dias apareceu em Israel uma geração de perversos, que seduziram a muitos com essas palavras: ‘Vamos, façamos aliança com as nações circunvizinhas, pois muitos males caíram sobre nós desde que delas nos separamos’. Agradou-lhes tal modo de falar. E alguns dentre o povo apressaram-se em ir ter com o rei, o qual lhes deu autorização para observarem os costumes pagãos. Construíram, então, em Jerusalém, uma praça de esportes, segundo os costumes das nações, restabeleceram seus prepúcios e renegaram a aliança sagrada. Assim associaram-se aos pagãos e se venderam para fazer o mal”* (1Mc 1,11-15)<sup>12</sup>.

No texto paralelo de 2Mc 4,7-22 encontramos o relato do autor bíblico a respeito de Jasão, que mediante suborno ao rei de Antíoco Epífanes<sup>13</sup>, se torna sumo sacerdote, mantendo o controle econômico dentro da atual estrutura organizacional da Palestina, onde através da política de impostos produzia um forte esquema de exploração ao povo, principalmente aos camponeses. Além da questão econômica, Jasão também impõe a cultura grega aos judeus. No texto encontramos que ele pede permissão ao rei para construir uma praça de esportes, uma escola para jovens e para fazer um recenseamento em Jerusalém. Todas essas ações foram implantadas dentro dos moldes gregos. Na praça de esportes eram praticadas modalidades encontradas nos jogos de Olimpo, seguindo as mesmas regras e características. Dessa forma os atletas tinham que competir totalmente nus, algo novo para aqueles homens judeus e que começou a provocar vergonha, desconforto, devido o costume da circuncisão. Sobre essa questão encontramos:

“O ginásio não tinha só uma função recreativa, mas era um espaço importante para transmissão da cultura e das ideias helenistas. Nos ginásios praticava-se esporte totalmente nu, e isso provocara nos jovens judeus certa vergonha de mostrar as marcas da circuncisão. Conforme a narrativa, a situação de vexação estava provocando nos jovens a tentativa de apagar as marcas da circuncisão resultando no afastamento da aliança sagrada” (VASCONCELLOS; SILVA, 2004, p. 35).

10. CORSSSEN apud MAZZAROLO, 2008, p. 46.

11. Idem, p. 48.

12. Todos os textos bíblicos foram retirados da nova edição, revista e ampliada da Bíblia de Jerusalém, 2002.

13. 175-164 aC, irmão mais novo de Seleuco IV e filho de Antíoco III.

Nesse sentido podemos perceber de forma clara a violência cultural imposta pelos costumes gregos ao povo judeu, pois a circuncisão foi prescrita por Deus como sinal da aliança estabelecida com Abraão (Gn 17,9-14.23-27). A circuncisão consiste na remoção do prepúcio, que devia ser feita ao oitavo dia depois do nascimento, segundo a lei de Lv 12,3. Ela era estendida não só aos filhos, mas também aos seus servos, israelitas ou estrangeiros. Essa era uma condição requerida para que os estrangeiros pudessem participar da páscoa, festa da comunidade israelita (Ex 12,43-49).

Podemos perceber a extensão dessa imposição cultural grega quando observamos que a circuncisão foi uma prática seguida ininterruptamente por mais de mil anos desde que instituída como sinal da Aliança, algo que fazia parte da vida judaica, chegando a ser usada de forma metafórica pelos profetas<sup>14</sup>. Portanto pela primeira vez na história, uma cultura estrangeira influenciaria de tal forma os judeus que levaram alguns a negarem a circuncisão. Roland de Vaux<sup>15</sup> afirma:

“Esse costume que suscitava os escárnios dos pagãos (Marcial, Pérsio, Horácio) teve que lutar contra a invasão dos costumes gregos, que não o admitiram. Antíoco Epífanes o proibiu na Palestina e castigou cruelmente os recalcitrantes (1Mc 1,60-61; 2Mc 6,10). Os judeus, que cediam ao helenismo, procuravam dissimular o sinal da circuncisão”.

O processo de helenização não se resumia à questão dos esportes, mas sobretudo à educação. Entre as iniciativas de Jasão de levar a cultura helênica para a Palestina estava a criação de escolas para jovens. Essas escolas, por sua vez, tinham como objetivo principal levar a filosofia e a educação grega para todos os povos conquistados, incluindo os judeus. Sobre esse ponto, Mazzarolo nos informa:

“A educação é o elemento primordial da formação helenística. Na cultura helenística ela significa um dos valores mais trabalhados, dentro do qual a pessoa podia expressar e desenvolver seus dotes e talentos. Mestres na arte, no lúdico, na política e na filosofia, os gregos consideram a educação como um processo de orientação para a vida” (MAZZAROLO, 2008, p. 69).

Dessa forma, os jovens assumiam um papel importante na helenização dos povos. Se nas outras nações os jovens eram importantes fundamentalmente por questões militares, pois eram a maioria entre as tropas no campo de batalha, entre os gregos eles eram importantes para disseminação dos valores e costumes helênicos, contribuindo para expansão da cultura grega. Através destas e outras iniciativas, os valores culturais helenísticos deixaram marcas indeléveis nos diversos aspectos sociais e religiosos das comunidades judaicas da diáspora. Uma prova incontestável dessa influência é que a primeira e mais importante tradução da Bíblia Hebraica foi feita para o grego. A Sep-

14. O profeta Jeremias usa a expressão coração incircunciso (Jr 9,25) referindo-se a um coração que não compreende; ouvido incircunciso (Jr 4,4) para um ouvido que não escuta; lábios incircuncisos para aqueles que são incapazes de falar (Jr 6,10).

15. VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2003, p. 72.

tuaginta ou a LXX<sup>16</sup>. Assim o escritor bíblico registra a situação na Palestina diante da cultura grega: “*Verificou-se, desse modo, tal ardor de helenismo e tão ampla difusão de costumes estrangeiros, por causa da exorbitante perversidade de Jasão, esse ímpio e de modo algum sumo sacerdote, que os próprios sacerdotes já não se mostravam interessados nas liturgias do altar! Antes, desprezando o Santuário e descuidando-se dos sacrifícios, corriam a tomar parte da iníqua distribuição de óleo no estádio, após o sinal do disco. Assim, não davam mais valor algum às honras pátrias, enquanto consideravam sumas as glórias helênicas*” (2Mc 4,13-15).

#### **4. A legitimação da violência através do zelo religioso**

Não raramente encontramos expressões de violência geradas pelo zelo religioso. Nos livros dos Macabeus encontramos o relato que o rei Antíoco Epífanes, dando continuidade as suas ações de helenização dos judeus, cometeu uma série de atrocidades contra os moradores de Jerusalém. Entre essas ações, ele promoveu a profanação do Templo de Jerusalém: “*Derramaram sangue inocente ao redor do Santuário, e ao Santuário profanaram. Por sua causa fugiram os habitantes de Jerusalém e ela transformou-se em habitação de estrangeiros. Jerusalém tornou-se estranha a sua progênie e seus próprios filhos a abandonaram. Seu Santuário ficou desolado como um deserto, suas festas converteram-se em luto, seus sábados, em injúria, sua honra, em vilipêndio. A sua glória igualou-se a ignomínia e sua exaltação mudou-se em pranto*” (1Mc 1,37-40).

Os atos do rei selêucida provocaram reações distintas. Alguns dos judeus aceitaram a imposição dos gregos (1Mc 1,43) sacrificando aos seus ídolos, porém muitos ofereciam resistência. Entre estes o texto bíblico registra Matatias, sacerdote da linhagem de Jojarib, juntamente com os seus filhos: Simão, Judas, chamado Macabeu, Eleazer e Jônatas<sup>17</sup>.

A profanação do Templo tinha um significado profundo para os judeus piedosos, pois era no Templo de Jerusalém que estava o centro da vida do povo judeu. Essa compreensão teológica passa a ser enfatizada principalmente logo após o retorno do povo do exílio babilônico, com a reconstrução dos muros de Jerusalém e o estabelecimento do período conhecido como o do segundo Templo. Nesse período havia uma ênfase na centralidade do culto em Jerusalém, que por sua vez foi disseminada pela obra historiográfica deuteronomista: “*Ouve, ó Israel: Iahweh nosso Deus é o único Iahweh!*” (Dt 6,4). A História Deuteronomista (Dtr)<sup>18</sup> tem seu esquema teológico baseado em três conceitos: “um único Deus, um único povo, um único culto”<sup>19</sup>.

16. Trata-se da tradução da Bíblia Hebraica para o grego encomendada pelo rei Ptolomeu Filadelfo ao sumo sacerdote de Jerusalém aproximadamente entre 285-246 aC. A tradição informa que o sumo sacerdote enviou para Alexandria setenta e dois anciãos que fizeram a tradução em setenta e dois dias. Por causa do número de tradutores essa tradução se tornou conhecida como Septuaginta. Essa mesma história é contada por Josefo.

17. Todos esses nomes têm um significado teológico e trazem marcas da luta, resistência e sabedoria do povo.

18. Sigla utilizada dentro da teologia bíblica para representar a obra historiográfica deuteronomista.

19. SCHIMIDT, Werner. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1994, p. 128.

Essa compreensão teológica leva a família de Matatias a liderar um movimento de resistência em relação aos atos violentos do rei selêucida, que através do zelo religioso teve também na violência a sua maior expressão. Vasconcellos e Silva (2004) resumem as ações abomináveis de Antíoco IV Epífanes:

- a) A construção de outros altares;
- b) Queima de incenso nas portas das casas e nas praças;
- c) Os livros da lei encontrados eram rasgados e queimados;
- d) Os que seguiram a Aliança eram condenados à morte;
- e) A cada mês ofereciam holocaustos que colocavam sobre o altar dos holocaustos do Templo;
- f) Mataram as mulheres que circuncidaram seus filhos, juntamente com os filhos que tinham no colo e seus familiares.

Todas essas ações violentas e abomináveis provocaram reações na mesma ordem, suscitando grande ira aos que promoviam a resistência: *“Foi sobremaneira grande a ira que se abateu sobre Israel”* (1Mc 1,64).

Nos capítulos iniciais do primeiro Livro dos Macabeus são apresentadas as tensões e conflitos entre aqueles que, seguindo as ordens do rei, transgrediram a lei e adotaram os costumes helenistas (1Mc 1,41-61) e aqueles que resistiram e permaneceram fiéis à tradição (1Mc 1,62-64). O rei na tentativa de conquistar Matatias manda-lhe uma carta oferecendo favores, que são muito tentadores: *“Aproxima-te, pois, por primeiro, para cumprir as ordens do rei, como fizeram todas as nações bem como os chefes de Judá e os que foram deixados em Jerusalém. Assim, tu e teus filhos sereis contados entre os amigos do rei e sereis honrados, tu e teus filhos, com prata e ouro e copiosos presentes”* (1Mc 2,18). A esse convite Matatias responde: *“Ainda que todas as nações que se encontram na esfera do domínio do rei lhe obedçam, abandonando cada uma o culto dos seus antepassados e conformando-se às ordens reais, eu, meus filhos e meus irmãos continuaremos a seguir a Aliança dos nossos pais”* (1Mc 2,19-20).

Tão logo Matatias profere essas palavras, um judeu aparece para oferecer sacrifícios, conforme as ordens do rei selêucida. Essa atitude provoca grande ira no líder da resistência. O texto relata que os seus rins estremecem, ele tem uma explosão de ira e raiva que o levam a matar aquele homem e o emissário do rei, que estava com ele. O autor da narrativa bíblica procura justificar a morte daqueles homens através do zelo religioso. Ele teria agido violentamente pelo amor à Lei (1Mc 2,19-28). Na Bíblia, e apenas no Antigo Testamento, são apresentados três personagens que agem em nome do zelo religioso: Fineias (Nm 25; cf. Eclo 45,23-26), Elias (1Rs 18,19; cf. Eclo 48,1-11) e Matatias (1Mc 2). Da mesma forma que Elias teve que fugir após ter matado os profetas de Baal, Matatias e seus filhos tiveram também que se refugiar nas montanhas após a morte destes dois homens. É justamente nesse período que começa a surgir, de forma organizada, a “guerrilha armada” com o objetivo de fornecer resistência às forças helenizantes opressoras: *“Todo o que tiver o zelo da Lei e quiser manter firme a Aliança, saia após mim”* (1Mc 2,27b).

Após a fuga de Matatias juntamente com a sua família para as montanhas, um outro grupo de aproximadamente mil pessoas desceu para o deserto para fugirem da perseguição. Porém a guarnição do rei estabelecida em Jerusalém desceu para atacá-los, e ao chegar ao local onde estavam estabelecidos se organizaram para confrontá-los em um dia de sábado. Entretanto aquele grupo de judeus não ofereceram nenhuma resistência por entenderem que se assim o fizessem estariam profanando o sábado: *“Vamos morrer com a consciência limpa. O céu e a terra são testemunhas de que vocês estão nos matando injustamente”* (1Mc 2,29-38). A compreensão do zelo religioso fez com que aqueles homens, mulheres e crianças fossem mortos sem oferecer nenhuma resistência. Esse acontecimento chegou ao conhecimento de Matatias, que por sua vez fez uma outra leitura do valor teológico do sábado: *“Lutaremos abertamente contra todo aquele que nos atacar em dia de sábado. Assim não morreremos todos, como nossos irmãos em seus esconderijos”* (1Mc 2,41b).

Passados alguns anos, Matatias morre e a liderança da guerrilha passa para o seu filho Judas Macabeu que promoveu muitas vitórias sobre os inimigos do povo. As últimas palavras do seu pai (1Mc 2,61-63) são de encorajamento aos seus filhos e a todo povo exortando-os a permanecerem firmes na Lei de Deus e a vingarem a morte de todos os judeus perseguidos pelos estrangeiros. A partir desse momento encontramos na narrativa bíblica, especialmente no livro de 2Macabeus, o registro das lutas e vitórias alcançadas por Judas Macabeu, onde todas são referendadas por Deus e pelo zelo religioso. Nos textos de 2Mc 8,1-10,8 encontramos o grande líder proferindo discursos inflamados com alto teor de religiosidade e nacionalidade, que incentivavam o povo à luta, encorajando-os através da promessa de proteção divina no campo de batalha. Com isso encontramos um aparelho ideológico daquilo que poderíamos chamar de “guerra santa”, onde Deus estaria na frente da batalha, derrotando os inimigos e garantindo a vitória aos que são fiéis à sua Lei, no caso os judeus da resistência liderados por Judas Macabeu. A confiança em Deus produz força e ânimo para a batalha: *“Os inimigos confiam nas armas e nos seus atos de bravura. Nós, porém, confiamos no Deus Todo-poderoso. Ele, com um gesto simples, é capaz de derrubar os nossos inimigos e até o mundo inteiro”* (2Mc 8,18).

Dessa forma todos aqueles que provocaram a morte dos judeus e a profanação do Templo precisavam morrer, não com uma morte natural, “simples”, mas de uma forma que todos pudessem perceber que com Deus não se pode lutar. Essa era compreensão teológica do escritor do livro de 2Macabeus. Podemos comprovar isso com o relato que o autor faz da morte de Antíoco Epífanes (2Mc 9,1-17). Ao passo que em 1Mc 6,1-17 encontramos o relato que se diz que Antíoco morreu na Pérsia atordoado e triste depois de receber notícias do que acontecera a Nicanor e a Timóteo, derrotados pelos judeus, o escritor de 2Macabeus transforma a morte de Antíoco num acontecimento macabro. Ele teria sido desconjuntado e apodrecido vivo: *“Mesmo assim, não desistia em nada da sua arrogância. Antes, regurgitando de soberba e exalando contra os judeus o fogo dos seus furores mandou ainda acelerar a marcha. Sucedeu-lhe então cair da carruagem que corria com estrépito e, sofrendo queda tão violenta, desconjuntaram-se-lhe todos os membros do corpo. E ele que, pouco antes, na sua arrogância so-*

*bre-humana, achava poder dar ordens às ondas do mar e se imaginava pesando na balança os cumes das montanhas, estendido por terra, via-se transportado numa padiola, dando assim, a todos, mostras evidentes do poder de Deus. Tanto mais que, dos olhos desse ímpio, começaram a pulular os vermes. E, estando ele ainda vivo, as carnes se lhe caíam aos pedaços entre os espasmos lancinantes, enquanto o exército inteiro, por causa do odor fétido, mal suportava a podridão. Assim, aquele que pouco antes parecia estar tocando nos astros do céu, ninguém agora aguentava carregá-lo, por causa do peso insuportável desse odor fétido” (2Mc 9,7-10).*

Após a morte de Antíoco Epífanes, continua a sucessão dos reis selêucidas e todos esses seguindo a mesma política de expansão do helenismo, baseada, sobretudo, na violência cultural e econômica impostas pela força militar. Da mesma forma continuou a resistência armada dos judeus, liderados agora pelos irmãos macabeus. Em nome de Deus e do zelo religioso, eles também usavam da força armada como legitimadoras dos seus atos de violência. Princípios da guerra santa também são encontrados nos relatos das batalhas que sucederam à morte de Antíoco Epífanes, onde o escritor de 2Macabeus trabalha as narrativas da guerra a partir de um esquema litúrgico: primeiramente eram feitas orações, seguidas de uma breve reflexão e palavras de exortação antes dos confrontos e logo após as batalhas se fazia a partilha do despojo que fora conseguido das tropas derrotadas. Esse esquema é encontrado de forma clara em 2Macabeus quando sempre referencia as ações de Judas Macabeu como a figura do grande líder de Deus entre o povo judeu.

Dentro desse ambiente de vitórias militares sob a liderança de Judas Macabeu e seguindo o esquema litúrgico das suas batalhas, é estabelecida a festa de Hanukkah ou da Dedicção, que celebrava o retorno do culto a Javé no Templo de Jerusalém. Josefo<sup>20</sup> registra esse episódio e o chama de festa das Luzes, de acordo com o rito que é a sua marca principal. Judas purificou o Templo de Jerusalém exatamente três anos após a sua profanação sob Antíoco Epífanes. Esse é um dos episódios de maior relevância de Judas Macabeu, sob o ponto de vista militar representa a vitória sobre os estrangeiros inimigos e sob a perspectiva teológica como sendo a ratificação da Historiografia Deuteronomista muito difundida pelos profetas pós-exílicos.

### **Considerações finais**

A partir do relato escriturístico a nós deixado nos livros dos Macabeus, a respeito da imposição cultural e econômica realizada pela cultura helênica aos povos dominados no III e II séculos aC, sobretudo na Palestina, verificamos que quando uma nação tenta impor sua cultura e/ou seus costumes sobre outra nação, utilizando-se do recurso da guerra e da exploração econômica, sempre irá promover o surgimento de movimentos de resistência. Esses movimentos de resistência não raramente irão usar do mesmo expediente com o qual estão sendo vitimados, ou seja, da guerra e da violência para lutar pela sua causa. Exemplos como os relatados nos livros dos Macabeus são

20. JOSEFO apud VAUX, 2003, p. 546.

encontrados em toda história, inclusive na mais recente, onde podemos constatar potências mundiais tentando impor seus costumes, sua língua, sua economia aos países mais pobres e de menor expressão.

Essa imposição geralmente acontece preliminarmente da mesma forma como se deu no período que estudamos em nosso texto, através da opressão econômica e cultural, e, caso essa não seja suficiente, entra em cena a guerra com toda sua “máquina” de produzir violência. Cenários como esses são vistos todos os dias e a semelhança do período da dominação dos imperadores selêucidas na Palestina, atualmente muitos países e povos são tratados com violência pelas nações ditas do primeiro mundo. Pela história, podemos constatar que violência sempre gera violência.

Para que os movimentos de resistência possam ganhar mais expressão e legitimidade perante o povo, vários recursos são utilizados e a religião é um deles. Atualmente podemos perceber várias expressões da chamada “guerra santa”, onde muitos estão dispostos a matar ou morrer em nome da sua divindade ou da sua religiosidade. Esse recurso foi usado pelos macabeus, que puderam utilizar da religiosidade do povo para manter viva a resistência e conseguirem vitórias sobre as nações estrangeiras vizinhas. A tese defendida era que a luta dos reis selêucidas não era contra o povo, mas com o próprio Deus Javé e contra Ele não se pode lutar. Dentro dessa perspectiva, todos os atos, inclusive os mais violentos, são legitimados, pois Deus é quem está à frente da batalha.

### **Referências bibliográficas**

- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém: nova edição revista*. São Paulo: Paulus, 1985.
- CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Vol. 3. São Paulo: Hagnos, 2004.
- CHARPENTIER, Etienne. *Para uma primeira leitura da Bíblia*. São Paulo: Paulus, 1980.
- DOUGLAS, J.D. *O novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2003.
- GABEL, John B.; WHELLER, Charles B. *A Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 1993.
- HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. *Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2007.
- MAZZAROLO, Isidoro. *O apóstolo Paulo, o grego, o judeu e o cristão*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2008.
- RENDTORFF, Rolf. *A formação do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.
- SCARDELAI, Donizete. *Da religião bíblica ao judaísmo rabínico: Origens da religião de Israel e seus desdobramentos na história do povo judeu*. São Paulo: Paulus, 2008.
- SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1994.
- VASCONCELLOS, Pedro Lima; SILVA, Rafael Rodrigues. *Os livros dos Macabeus*. São Paulo: Paulus, 2004 (Série “Como Ler a Bíblia”).

VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003.

WOLFF, Hans Walter. *Bíblia Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003

*Ronaldo Robson Luiz*  
ronaldo\_rrl@hotmail.com